

MINA LITERÁRIA E PADARIA ESPIRITUAL: MOVIMENTOS LITERÁRIOS OITOCENTISTAS

Literary Mine and Spiritual Bakery: 19th Century Literary Movements

Thacyana do Socorro Souza e Silva*
Germana Maria Araújo Sales*
Izenete Garcia Nobre*

Resumo: O século XIX foi um período de efervescência cultural, artística e literária. Nesse período, os movimentos literários ocorridos nas regiões Norte e Nordeste surgiram, respectivamente, em 1892 e 1894 e tiveram grande repercussão social. Assim, este trabalho objetiva associar dois movimentos literários ocorridos durante a segunda metade do século XIX – a Padaria Espiritual (Ceará) e a Mina Literária (Pará), observando os pontos e contrapontos, a produção e a repercussão social para a formação do leitor oitocentista. Os dois movimentos traziam como emblema a corrente nacionalista, não permitindo que fossem usados, em quaisquer publicações, estrangeirismos ou elementos que não pertencessem à fauna e a flora brasileira, valorizando, desta forma, a produção local. Observar o desenvolvimento desses movimentos literários, suas implicações e influências sociais é reconhecer a importância do passado como

Abstract: Century XIX was a cultural bubbling, artistic and literary period. In this period the literary movements occurrences in the regions North and Northeast, appeared, respectively, in 1892 and 1894 and they had great social repercussion. This work has as objective to associate the two literary movements occurred during the second half of century XIX – Padaria Espiritual (Ceará) and the Mina Literária (Pará), observing the points and counterpoints, the production and the social repercussion for the formation of the **oitocentista** reader. The two movements brought as emblem the nationalistic chain, they did not allow that were used, in any publications, **estrangeirismos**, or elements that did not belong to the fauna and the Brazilian flora, valuing in such a way the local production. To observe the social development of these literary movements of the time and its implications and influences is to recognize the importance of the past

* Faculdade de Letras - Universidade Federal do Pará

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	-------------	------	------	---------------	---------

alicerce para a Literatura Brasileira atual. Dessa forma, esse trabalho pretende não somente verificar a existência dos dois movimentos, como compará-los e assim identificar a repercussão literária na época e as questões sociais implicadas.

with foundation for current Brazilian Literature. Of this form, this work not only intends to verify the existence of the two movements, as to compare them and thus to identify to the literary repercussion at the time and the implied social matters.

Durante o século XIX a existência de Instituições literárias constituiu uma prática para divulgação da produção dos jovens escritores que surgiam no panorama literário brasileiro. Investigando obras e periódicos publicados no final do século, encontraram-se rastros de duas instituições literárias — *Padaria Espiritual* e *Mina Literária* — responsáveis pela difusão das produções intelectuais de escritores paraenses e cearenses. Desta forma, este artigo é resultado do plano de pesquisa intitulado *Mina Literária e Padaria Espiritual: movimentos literários oitocentistas* [¹], cujo objetivo era reconstituir a trajetória dessas duas sociedades literárias das regiões Norte e Nordeste, as mais significativas, durante a última década do século XIX.

Em um momento marcado por mudanças políticas, econômicas e sociais, a imprensa teve papel fundamental como espaço de divulgação e discussões dos movimentos políticos e literários, que norteariam todo o século vinte. Assim, não é difícil vincular a formação e existência de instituições como a *Padaria Espiritual* e a *Mina Literária* ao apelo jornalístico, principalmente no Pará.

Com a Proclamação da República e o fervor abolicionista quase todas as províncias de norte a sul do país aderiram aos ideais patrióticos em prol da extinção da escravatura. No Ceará e no Pará, além desse sentimento de ruptura com o antigo regime, a preocupação com a formação intelectual da população era um dos assuntos mais debatidos pela intelectualidade ligada às letras, como: professores, jornalistas, alguns políticos e estudantes, os quais se organizavam

¹ Plano de trabalho intitulado *Sujeitos esquecidos: reconstruindo caminhos do movimento intelectual do Pará na última década do século XIX*, apresentado pela Aluna Thacyana do Socorro Souza - Iniciação Científica. PIBIC/UFPA, orientado pela Prof^a. Dr^a Germana Araújo Sales.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	-------------	------	------	---------------	---------

muitas vezes em praça pública ou em quermesses para divulgarem seus escritos.

Nesse contexto, tanto o movimento republicano quanto o abolicionista forneceram temáticas para a propagação das letras nos dois Estados aqui referidos — Pará e Ceará, posto que nessa época foram publicados variados gêneros literários em jornais e em revistas. As publicações iam desde poemas, contos, ensaios, até crônicas e romances, o que caracterizava a imprensa como forte veículo de divulgação e circulação de obras crítica e ficcional dos escritores envolvidos nesta edificação intelectual.

Os jornais paraenses, desde a implantação de tipografia no Pará, foram um importante instrumento de difusão de assuntos literários. Neles, eram abordados assuntos como, *Literatura* em geral, *Folhetins*, *Versos*, *Romance*, *Prosas*, *Poemas*, até anúncios de publicações de obras literárias.^[2]

A título de exemplo, pode-se constatar a publicação de mais de duzentas edições entre jornais e revistas que circularam em Belém e no interior do Estado do Pará, durante o Império e a implementação da República. Assim, constata-se uma intensa atividade intelectual, ainda que uma parte significativa da população fosse analfabeta, conforme afirma José Veríssimo:

[...]

Todavia, e nada obstante essa carência de informações, o estudo que desde muito hei feito da situação do nosso ensino publico, das suas condições e de sua marcha, a sincera atenção com que, vae por doze annos, acompanho o seu movimento, o conhecimento que tenho d'este Estado donde sou filho e que por mais de uma vez visitei em considerável estensão e emfim todos os meios de observação directa e indirecta, de

² CARNEIRO, Daniel Augusto Moraes. A Tipografia e a Divulgação e Publicação Literária do Pará. Belém- Pará. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas. Centro de Letras e Artes. UFPA. 2003. p. 22.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	----------------	------	------	------------------	---------

dedução e indução, ao alcance do observador que estuda a sociedade em que vive, autorizam-me a dizer, quase com a mesma certeza resultante dos algarismos estatísticos, que é tristissimamente precária a situação da nossa instrução publica.³

De acordo com José Veríssimo, a maioria da população era iletrada, pois existiam poucas escolas em Belém e os primeiros Institutos de Ensino foram obras dos religiosos carmelitas ou jesuítas, que ensinavam às crianças leitura, escrita e operações aritméticas.

Nesse mesmo panorama, havia uma crescente preocupação em relação à exclusão da classe literária amazônica do cenário nacional. Os escritores reivindicavam o direito em participar da vida intelectual nacional, a exemplo de um artigo no primeiro fascículo da *Revista Lira Amazônica*, no qual Paulino de Brito expressa indignação em relação à situação das Letras Nortistas:

Não somos literariamente ricos, mas, da nossa mediania, ou mesmo pobreza, para essa indigência vergonhosa que nos atribui, a diferença é grande. Já possuímos alguns nomes nas letras, que podemos com orgulho apresentar à consideração do país e do estrangeiro: e alguma produção literária que os mais conspícuos poetas da língua, quer antigos, quer modernos, poderiam assinar sem deslustres, antes, com glória, para sua reputação. Onde, pois, esse abatimento, que nos infligem esse desprezo profundo e injustificável pouco caso, com que são tratados, as letras e os literatos da Amazônia? Disto se duvida: que se não aprecia o que por absoluto se desconhece⁴.

³ VERISSIMO, José. A instrução Publica no Estado do Pará em 1890. Belém: Typografia de Tavares Cardoso & C. 1890, p. 07.

⁴ AZEVEDO, José Eustachio. *Literatura Paraense*. 3ªed. Belém/ Fundação Cultural do Pará – Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 11.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	----------------	------	------	------------------	---------

Em um período em que a produção folhetinesca foi instrumento de legitimação da crítica e da prosa literária, a constituição de associações literárias e culturais, formadas com o intuito de divulgar a produção crítica local, ratificou a consciência para a firmação da Literatura como espaço identitário e cultural brasileiro. Nesse contexto, insere-se a *Mina Literária* dialogando com a *Padaria Espiritual* num processo de troca cultural.

Dentre os associados da *Mina* contavam-se como correspondentes importantes no cenário nacional, José Veríssimo e Inglês de Souza. Coelho Netto, apesar de não ser associado a esta instituição, reconheceu publicamente a importância dessa e de outras associações paraenses para a formação da intelectualidade nacional, bem como, o seu reconhecido engajamento com a causa das Letras Amazônicas, a exemplo do que ocorreu, também, com a agremiação do Ceará.

Durante a efetivação do processo de urbanização ocorrido na década final do século XIX, os movimentos intelectuais e sociais foram emoldurando-se em um grupo preocupado com a autonomia da constituição intelectual. Igualmente, a Literatura ganhou adeptos com o surgimento das associações literárias, preocupadas com o arrefecimento das letras nortistas, pois o último vulto que o norte havia atribuído ao Brasil tinha sido José Veríssimo.

Outro ponto relevante a ser tratado diz respeito à produção periódica. De cunho muito mais político-revolucionários do que literários, no início do XIX, esse sistema começa a se modificar na segunda metade do século com a exposição das colunas literárias⁵ e, na década de 1890, alcança maior efervescência quando as páginas de jornal e revistas começaram a ser divididas em temáticas políticas, econômicas e literárias, esta última em poesia, prosa de ficção e críticas.

Assim, cada associação surgida no seio cultural da cidade era uma “alma nova e naturalmente ambiciosa”⁶, porquanto aos poucos

⁵ SALES, Germana Maria Araújo. *Ao pé da página: circulação de leituras em jornais do século XIX*. In: X Congresso da ABRALIC, 2006, Rio de Janeiro. X Congresso da ABRALIC - o local, o regional, o nacional, o internacional, o planetário: lugares dos discursos literários e culturais, 2006. v. 1. p. 1-7.

⁶Discurso de abertura da ABL, pronunciado por Machado de Assis em 1897. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Machado_de_Assis. acesso em 25/09/2007

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	-------------	------	------	---------------	---------

foram conquistando o seu lugar no horizonte de leitores. Note-se que um dos espaços de encontro desses leitores foi justamente a Academia Brasileira de Letras – uma das maiores associações de que se tem notícia, fundada em 1897, mesmo período em que outras associações surgiam em todo Brasil.⁷

A transformação e a maturidade das letras era a afirmação da nação e da intelectualidade nacional e, portanto, o desenvolvimento do particular. Tanto era verdade que os sócios recitavam seus trabalhos numa atitude de auditório, assim como ocorreu no início do século XIX.

Todavia, sem querer afirmar que estas instituições estavam estáticas em seu tempo, esta leitura em público era uma das maneiras de divulgar os trabalhos “vindos do forno”, uma vez que o formato livro ainda era restrito, e o jornal, apesar de ser a âncora literária que a literatura teve durante todo o século XIX, ainda era para poucos.

José de Alencar, em *Como e por que sou romancista*, descreve sua prática de recitação – uma mesma forma utilizada pelos escritores de prosa de ficção paraenses e cearenses para a divulgação de seus trabalhos.

As agremiações foram o principal núcleo literário no Pará do século XIX. É verdade, porém, que existiam alguns vultos isolados que veiculavam os versos ou prosa nos jornais, entretanto, a principal publicação era dos associados das inúmeras associações. Também é evidente que algumas sociedades detinham o apoio do governo ou tinham como membros integrantes o alto escalão do Estado, como era o caso de Lauro Sodré, Domingos Antonio Raiol (Barão do Guajará), na *Mina Literária*; Antonio Sales, Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha, na *Padaria Espiritual*.

Os escritores da Amazônia, segundo Eustachio de Azevedo, eram *esquecidos* ou *ignorados* pelos críticos e pelas *Histórias da Literatura Brasileira* e, mesmo José Veríssimo não mencionou em seu trabalho, depois que foi para a Côrte, a produção local como digna de

⁷A título de exemplo temos as agremiações do Pará: *Mina Litterária* (1894); *Ordem e Progresso* (1897) *Officina Litterária* (1899); *José de Alencar* (1898); *Luz e União* (1895); *Esperança Litterária* (1899); Club Beneficente dos Typographos (1898); *Club União e Perseverança* (1898). In.: NOBRE, Izenete Garcia. *Mina Literária: Produção crítica e ficcional no século XIX*. Relatório Técnico-científico. PIBIC/UFPA: 2007.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	-------------	------	------	---------------	---------

irromper na *História da Literatura Brasileira*. A esse respeito, expõe ainda, no livro *Literatura Paraense*, uma explicação plausível para o esquecimento:

O defeito é nosso. Vem da nenhuma divulgação de nossas letras; da nossa tradicional indolência provinciana; do nosso retraimento inato à expansão de nosso mérito próprio e, também, com verdade maior da falta de recursos dos nossos intelectuais, ricos de espírito, porém pobres de pecúnia para a publicação e expansão de seus livros.”⁸

Entretanto, deve-se esclarecer que José Veríssimo depois que parte para o Rio de Janeiro continua escrevendo para e sobre a produção paraense, como se pode constatar na obra *Estudos Brasileiros*, 2ª série e no fato de ele ser correspondente da *Mina Literária*, em 1895.

Mas, foi, verdadeiramente na metade do século XIX que o movimento literário brasileiro colocou-se à parte da literatura colonial, o que não passou despercebido entre os paraenses e cearenses. Esses intelectuais se conscientizaram do imperativo de formação de entidades culturais, culminando, em 1892, com a fundação da *Padaria Espiritual* e, em 1894, com a criação da *Mina Literária*, movimentos surgidos dessa necessidade de fortalecer o movimento das letras e, conseqüentemente, a cultura brasileira.

As duas associações traziam como emblema a corrente nacionalista, de maneira que o Programa de Instalação da *Padaria* não permitia que fossem usados, em quaisquer publicações, estrangeirismos⁹; falar de animais e/ou plantas estranhas à Fauna e à Flora brasileira¹⁰. Igualmente, a *Mina Literária* seguiu os moldes da sociedade cearense e com ela manteve diálogo constante, mesmo sem

⁸ *Idem*, p.11.

⁹ Toda e qualquer palavra estranha à Língua Vernácula era proibida com exceção dos neologismos do Dr. Castro Lopes, importante intelectual erudito da época, conforme artigo 14 do programa de instalação da agremiação.

¹⁰ No artigo 21 do mesmo programa de instalação constava como crime usar termos como cotovia, olmeiro, rouxinol ou carvalho, por esses não fazerem parte da fauna e flor brasileiras e, assim, valorizar as cores e coisas da terra brasileira.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	-------------	------	------	---------------	---------

ter elaborado um projeto oficial de fundação.

Para fazer um pequeno histórico dos alicerces das duas associações, retornaremos até a década de 70, na qual se firmaram novas formas de representar o Brasil. No Pará, entre 1870 e 1885, viu-se a fase “áurea”, nos dizeres de Eustachio de Azevedo, uma vez que grupos de jovens intelectuais fundaram a *Arena* e o *Silvio Romero*, periódicos que agruparam as idéias literárias e científicas que culminariam no surgimento da *Revista Amazônica*¹¹ em 1883, essa foi uma das mais significativas produções no campo da Letras de toda a Literatura do Norte do Brasil¹².

Seguidamente ao desaparecimento da *Revista Amazônica*, evento literário mais relevante, em termos de organização intelectual, no Estado do Pará, foi o aparecimento da *Mina Literária* e com ela as demais instituições que seguiriam o seu modelo.

Fundada em 1894¹³, como já foi mencionado, a associação paraense findou sua existência de quatro anos de estudos e trabalho constante, incluindo a publicação de livros¹⁴, em 1899. E no seu seio nasceram o *Centro Literário Amazônico* e a *Ordem e Progresso*, associações que seguiram os passos da *Mina*, promovendo sessões cívicas, comemorando as grandes datas nacionais e, aos domingos, reuniões ordinárias.

Em termos de contribuição, a primeira instituição logo desapareceu sem relegar frutos ao Pará, já a outra teve sua existência mais duradoura, deixando, inclusive, um periódico voltado à literatura como herdeiro.

¹¹ A *Revista Amazônica* foi fundada, em 1883, por José Veríssimo, com o objetivo de divulgar a literatura e a descobertas científicas no Norte do Brasil. Teve sua tiragem até 1884 com fascículos mensais. Nela vários expoentes da Literatura nacional tiveram seus nomes impressos com destaque, como o caso de José Veríssimo, seu diretor.

¹² *Apud* Rego, 1997, p. 19

¹³ A *Mina Literária* foi fundada em criada em dezembro de 1894, mas teve sua fundação em 1º. de janeiro de 1895, em sessão solene no Teatro da Paz. Seus fundadores foram Eustachio de Azevedo, Theodoro Rodrigues, Leopoldo Souza e Natividade Lima. A instituição funcionou até 1899 quando encerrou suas sessões por motivos políticos.

¹⁴ Dentre as associações existentes desde 1870, a *Mina Literária* foi a única que editou livros no Pará, pois possuía a sua própria oficina tipográfica, apesar de não ter possuído, a exemplo das demais, um periódico próprio.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	-------------	------	------	---------------	---------

Se no Pará tínhamos mineiros, no Ceará, os padeiros da *Padaria Espiritual* intitulavam-se uma sociedade de rapazes de Letras e Artes, assim, pintores e músicos tinham livre acesso às reuniões lítero-musicais realizadas pelos padeiros prosadores.

Fundada em 1892, o seu primeiro ano de funcionamento foi bastante atuante com reuniões semanais e, em 1894, seu estatuto passou por uma reformulação, ocasionando, em termos literários, menor ironia nos textos e ataques ao governo até que encerrou seus serviços em 1896.

Um dos maiores prestigiadores da *Padaria Espiritual*, desde seu surgimento, foi o jornal *A República*¹⁵. Ainda que *A República* existisse e prestigiasse a agremiação, essa possuía o próprio veículo de divulgação de idéias, denominado *O Pão* – quinzenário, criticado fervorosamente durante a época pelos intelectuais ditos esclarecidos – publicava artigos de interesse geral, descrição de viagens, histórias escandalosas, relatos de viagem, novelas em série¹⁶.

O direcionamento estético da *Padaria Espiritual* parece ter sido simbolista, pois era avesso, em suas publicações, às revelações diretas das emoções e prezava pela recuperação da essência das Letras por meio da música e das artes perdidas ao longo do tempo.

É senso comum que a Escola Simbolista no Brasil se inicia com a publicação de *Missal e Broquéis*, ambas, em 1893, de Cruz e Sousa, o que talvez não se saiba é que antes mesmo da divulgação dessas obras de Cruz e Sousa, no Ceará, a *Padaria Espiritual* por meio dos Poetas Lopes Filho e Lívio Barreto editou o livro *Phantos*, datado de 24 de julho de 1893, um mês antes dos do autor de *Faróis* como pode ser constatado nos periódicos que circularam na cidade de Fortaleza na mesma época.

Segundo Sânzio de Azevedo (1996, 24), não se deve comparar, esteticamente, a poesia de Lopes Filho e Lívio Barreto a de Cruz e Souza ou a de outros poetas simbolistas, mas se deve relevar a importância do livro *Phantos* por ter fundado o simbolismo no Ceará,

¹⁵ Segundo Sânzio Azevedo (1996, p. 114), o Jornal *A República* surgiu da fusão do jornal *Libertador* com o *Estado do Ceará* em abril de 1892. Quando a órgão oficial da *Padaria* era suspenso por motivos políticos, *A República* tomava para si o trabalho de divulgar as ações da agremiação literária.

¹⁶ Esse tipo de texto publicado pelo *O Pão* tinha enorme popularidade por satisfazer os mais variados públicos, desde os menos favorecidos até aos mais esclarecidos, como é próprio do folhetim.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	-------------	------	------	---------------	---------

e mais o aspecto histórico de um Simbolismo Brasileiro, que não só existia no sudeste do país, mas em todo o território nacional, especialmente no Ceará, onde o movimento era intenso entre os homens letrados da época. Assim, os *padeiros*, como se autodenominavam, produziram grande parte da poesia ligada à nova estética, sob a influência do movimento lusitano.

Em ambas as associações, extremamente organizadas, usavam-se pseudônimos. A *Padaria*, cujos integrantes se apresentavam como boêmios, inimigos dos lugares comuns, dos costumes românticos e burgueses, objetivava se resguardar de qualquer tipo de represália da sociedade, visto que, em seu programa de instalação, não respeitavam a ordem vigente da época: o clero e a polícia (art.26). A *Mina*, associação cujo nome lembrava minerais, utilizava pseudônimos relacionados a metais preciosos: *topázio*, *ouro*, *Isis*, *granada* etc., pois se consideravam *pedras preciosas* da intelectualidade e responsáveis pelo ressurgimento da Literatura no Pará.

As duas associações com sedes próprias, os *padeiros* no *Forno*, os *mineiros* no *Poço*, articulavam todas as suas atividades, promovendo palestras a fim de realizarem debates e promoverem a leitura de contos, romances e poesias, os quais eles denominavam como *alimento para o espírito*.

Essas associações surgiram a partir do anseio intelectual de jovens estudantes, jornalistas, professores, músicos e todos aqueles envolvidos com as letras e as artes, de um modo geral. A divulgação de seus trabalhos era efetivada por meio de jornais, revistas, comícios em praças públicas, sarais lítero-musicais e todo tipo de evento voltado para a exposição dos seus feitos.

Enquanto a *Padaria Espiritual* veiculava sua produção através d'*O Pão* a *Mina* utilizava-se de *A Revista*, veículo não oficial da agremiação, aliás, essa não detinha a posse de nenhum meio oficial de imprensa. Ambas publicaram livros durante os anos de suas existências, a exemplo, pode-se mencionar: *Versos* de Antônio de Castro, *Contos do Ceará* de Eduardo Sabóia publicados em 1894; *Cromos* de X Castro, *Trovas do Norte*, *Os Brilhantes* de Rodolfo Teófilo em 1895 ; *Flocos* (1894) e *Vagas* (1896) por Sabino Batista; *Maria Luiza*, de Ovídio Filho; *A viúva*, novela naturalista de Eustáchio de Azevedo; *Coelho Netto e a Mina Literária*; *Páginas Avulsas*, coletânea de artigos e crônicas literárias, publicada por Álvares da Costa; *Os Brilhantes* (1895) e *O Paroara* de Rodolfo

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	-------------	------	------	---------------	---------

Teófilo editado em 1899, este último como indicação da Biblioteca da *Padaria Espiritual* após a extinção delas.

Em Belém, a *Mina Literária* não possuiu nenhum jornal próprio para a divulgação de seus trabalhos, no entanto alguns periódicos, além de *A Revisa*, encarregaram-se de elevar o nome da associação paraense a âmbito nacional e internacional, com notícias referentes aos feitos da agremiação, bem como a publicação de seus textos. Foram eles: *Folha do Norte* (1896-1899); *A República* (1894 - 1899); *Correio Paraense* (1892-1894); *Holophote* (1897); *O Pará* (1897).

Com a publicação crescente de jornais, revistas e livros, a população do Pará, do Ceará e de todo o Brasil pôde ter maior acesso à produção literária feita pelos escritores nacionais ou internacionais. No Pará, além desse benefício primeiro, o crescimento da imprensa ocasionou a proliferação de leitores e conseqüentemente o aumento de escolas no Estado. No Ceará, a história não era diferente, também com poucas escolas, a imprensa foi um veículo primordial para a obtenção de informação e acesso à escrita.

A explosão cultural e literária, no final do século XIX, ocorreu, dessa forma, com a participação efetiva da imprensa e do significativo desenvolvimento da intelectualidade brasileira, destacando-se os jovens das províncias do Pará e Ceará; bem como a criação das associações já referidas neste trabalho contribuiu para a organização de uma prática social e cultural nas províncias esquecidas pela Capital Federal do país, na época.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, José Eustachio. **Literatura Paraense**. 3ªed. Belém/ Fundação Cultural do Pará – Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 11e 47
- AZEVEDO, Sânzio. **A Padaria Espiritual e O Simbolismo no Ceará**. 2ª ed. UFC. Casa José de Alencar/ Programa Editorial. Fortaleza, 1996. p. 114.
- _____. **Aspectos da Literatura Cearense**. Edições UFC/ Fortaleza- CE: Academia Cearense de Letras, 1982.
- CANDIDO, Antônio e CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira História e Antologia. Das origens ao realismo**. São Paulo: Difel, 1985.
- CARNEIRO, Daniel Augusto Moraes. **A Tipografia e a Divulgação e Publicação Literária do Pará**. Belém- Pará. Trabalho de Conclusão de Curso. UFPA. 2003. p. 22.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	-------------	------	------	---------------	---------

CRUZ E SOUSA, José da. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.

MEIRA, Clóvis, José Ildone & Acyr Castro. **Introdução à Literatura no Pará**

REGO, Clóvis Moraes de. **A Mina Literária Nortista de Eustachio de Azevedo e no “O Pará Literário” de Theodoro Rodrigues**. Belém-PA: Editora Universitária, 1997.

SALES, Germana Maria Araújo. Ao pé da página: circulação de leituras em jornais do século XIX. In: X Congresso da ABRALIC, 2006, Rio de Janeiro. **X Congresso da ABRALIC - o local, o regional, o nacional, o internacional, o planetário: lugares dos discursos literários e culturais**, 2006.

SILVA, Thacyana do Socorro Souza e, **Relatório de Iniciação Científica**. PIBIC/UFPA: Sujeitos esquecidos: reconstruindo caminhos do movimento intelectual no Pará na última década do século XIX. Belém-Pará, 2005.

VERISSIMO, José. **História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. 4ª ed. Brasília: Editora da UNB, 1981. p.125 e 127.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	111-122
------	----------------	------	------	------------------	---------